

Eclesiofobia

Isaac Costa de Souza

ALEM - SIL

CEDI - P. I. B.
DATA 08/03/94
COD. 130.000.26

Em 1981, uma professora de antropologia de uma universidade do sul do Brasil, tomada de súbita ira em decorrência da minha presença (mesmo que de passagem) naquela instituição, afirmou sinistramente que "ainda bem que mataram um missionário na Colômbia," referindo-se à morte de nosso irmão Chet Bitterman pelos guerrilheiros do M-19, naquele ano.

Recentemente soubemos que uma antropóloga queimou alguns materiais didáticos em uma língua indígena produzidos por um casal de missionários, no norte do Brasil. E na extensa geografia entre norte e sul desse pindorama, a situação não é muito diferente. Há sempre uma história funesta a ser ouvida.

Porém, desde que atitudes e atos irresponsáveis como esses não são isolados, eles tornam-se extremamente preocupantes e ameaçadores em um país que se diz democrático. Temos muito mais do que a simples impressão de que qualquer semelhança entre aquela hedionda demonstração pirotécnica e a histórica Inquisição (não) é mera coincidência.

Além de um tribunal eclesiástico de antanho¹, temos também um impiedoso tribunal acadêmico (instituído, é verdade, por escassos indivíduos). O fato é que este tipo de aversão feroz e doentia por parte de alguns membros da academia não é uma novidade. Apenas esperamos sinceramente que, se impossível de ser extirpada completamente, ela, pelo menos, permaneça simplesmente

¹Há uma extensa bibliografia religiosa não evangélica sobre missionários evangélicos em área indígena demonstrando isso.

no nível intelectual e ideológico e não se materialize em uma academia de labor físico - embora a queima acima referida, por si só, já seja um passo para isso (da mesma forma que o eram as ameaças de bomba na sede de uma das missões a que pertenço, em Brasília, por meio de telefonemas anônimos. Entre os meados e os finais dos anos 80, cheguei até mesmo a ver policiais em busca de explosivos em nosso centro, utilizando-se para isso de aparelho apropriado.).

O descontrole daquela antropóloga incendiária não foi ao acaso, pois ela já havia dito ao casal de missionários que, se preciso fosse, mentiria somente para prejudicá-los. Dessa forma, o seu ato abusivo foi apenas uma exteriorização insana de seus mais inequívocos caprichos e emoções.

O mais terrível é que essas pressões (verdadeiras agressões psíquicas) não se limitam apenas aos religiosos evangélicos que atuam junto aos povos minoritários, mas também aos missionários evangélicos atuantes em outras áreas de atividades. Assim é que um dos livros que elabora uma análise sociológica do movimento neopentecostal no Brasil tem um título nada caridoso: "Os Demônios Descem do Norte"² (menção aos missionários do hemisfério norte). Os argumentos apresentados neste livro não são tratados exatamente iguais em duas publicações de dois "Davids:" um americano, David Stoll³, e outro inglês, David Martin⁴.

²Delcio Monteiro de Lima. 1987. Francisco Alves. Rio de Janeiro, RJ.

³David Stoll. 1990. Is Latin America Turning Protestant? (Está a América Latina se Tornando Protestante?). University of California Press, USA-UK.

⁴David Martin. 1990. Tongues of Fire (Línguas de Fogo). Blackwell. UK/USA.

Pesquisas como essas desses dois estudiosos desmistificam um pouco as análises tendenciosas (ou mesmo maldosas) que manipulam tanto a opinião pública como a opinião acadêmica. Mas quem se importa com elas? Por exemplo, há um silêncio constitutivo em relação a essa obra de Stoll, embora uma outra, que é uma dura crítica a uma organização evangélica, seja fartamente citada⁵ como prova científica das piores perversidades missionárias. E isso não significa que aquele outro livro não contenha severas censuras à atuação de certo segmento evangélico (talvez carente de uma postura política mais crítica). Somente não tem como objetivo, inequivocamente comprometido, ser deletério.

É curioso notar que a "Irmandade de Santa Cruz" (religião alternativa não católica ativa no alto Solimões entre o povo Tikuna) tem uma análise diferenciada por parte de um estudioso da antropologia, como podemos ver em "Na amazônia um messias de índios e brancos - Traços para uma Antropologia do Messianismo"⁶. O autor deste livro faz abordagens políticas, ideológicas, sociais e econômicas, mas sem preconceitos ou discriminações. Ele parece não padecer de eclesiofobia. No entanto, esse grupo religioso não é evangélico. O que não implica que se o mesmo o fosse, o autor modificaria suas conclusões.

No informativo da Associação Brasileira de Antropologia⁷ lemos o seguinte: "Pesquisas da Data-Folha revelam que os gays e

⁵David Stoll. 1983. Fishers of Men or Founders of Empire? (Pescadores de Homens ou Fundadores de Império?) Cultural Survival. Cambridge, Mass.

⁶Ari Pedro Oro. 1989. Vozes. Petrópolis, RJ.

⁷Boletim da ABA. 1993. Viados querem ser gente: A Violação dos Direitos Humanos dos Homossexuais no Brasil. Novembro, Nº 19:6.

lésbicas são as maiores vítimas do preconceito no Brasil, mais odiados que negros, índios e judeus... (Sugere-se, como medida preventiva de violência) a aprovação de leis que protejam a livre orientação sexual dos cidadãos, punindo-se a discriminação aos gays, lésbicas e travestis com o mesmo rigor que os delitos raciais."

Com base nos fatos acima mencionados, a nossa denúncia é que estão tentando nos inibir de sermos missionários evangélicos entre os grupos indígenas no Brasil. Ou seja: não podemos escolher como profissão ser missionários. Não seria também a hora de se usar do mesmo rigor contra este tipo de discriminação?